

**ALFARABI, *A Cidade Virtuosa*. Tradução do árabe, introdução, notas e glossário de Catarina Belo, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.**

### **O vigor das grandes obras**

Se temos boas razões para evitar o esquecimento do passado, uma delas é certamente o vigor das grandes obras; grandes obras estruturantes do pensamento humano. Pode haver obras lamentavelmente perdidas ou injustamente esquecidas, mas certo é que há obras que sobreviveram à sucessão dos tempos e às vicissitudes da história, e que têm feito história, elas próprias, pelo vigor com que têm alimentado as tradições de interpretação, a crítica e o pensamento. Quem duvida de que pertençam a esta categoria, obras como: *A República*, de Platão, *A Metafísica*, de Aristóteles, *A Cidade de Deus*, de Agostinho de Hipona, a *Suma Teológica*, de Tomás de Aquino, ou *A Divina Comédia*, de Dante? Neste rol cabe de pleno direito também esta obra de Alfarabi, *A Cidade Virtuosa* (doravante: *ACV*), isto é, *Os princípios das ideias dos habitantes da cidade virtuosa*, escrita entre 942 e 943, mas só finalizada em 948, dois anos antes da morte do seu autor, pelo que, como refere Catarina Belo na sua “Introdução”, «esta é claramente uma das obras finais de Alfarabi e a suma do seu sistema filosófico.» (p.18).

Esta suma filosófica de Alfarabi sugere-nos especialmente algumas conexões com outras grandes obras: desde logo e obviamente, *A República*, de Platão, que Alfarabi pode ter conhecido, pelo menos, parcial e indirectamente através de comentários (cf. C. Belo, “Introdução” *ACV*, pp.10-11); mas também e menos obviamente, *A Cidade de Deus*, de Agostinho, que não é provável que Alfarabi tenha conhecido. Em qualquer dos casos, as conexões que nos ocorrem são tanto mais interessantes de notar quanto menos expectáveis. Vejamos, a título exemplificativo.

Tanto Platão como Alfarabi preconizam que deve ser filósofo aquele que governa a cidade. Alfarabi chega ao ponto de dizer: «Quando sucede que a filosofia não faz parte da liderança, [...] a cidade fica à beira da destruição. Se não se consegue encontrar um filósofo que esteja junto do líder, não tarda que a cidade pereça.» (*ACV*, Cap.15, p.164). Mas enquanto Platão comparava a justiça exterior, i.e., a harmonia entre as classes da cidade, à justiça interior, ou harmonia entre as partes da alma, Alfarabi compara a cidade virtuosa ao corpo, «ao corpo perfeito e saudável» (*ACV*, Cap.15, pp.154-155) e aplica a noção de justiça ao domínio da física,

nomeadamente, à ordem da geração e da corrupção dos corpos sublunares no interior de cada espécie (*ACV*, Cap.9, pp.116-122).

Tanto Agostinho como Alfarabi definem as cidades pelos objectivos que movem os seus habitantes: os da Cidade de Deus movem-se pelo amor a Deus e os da Cidade Virtuosa, pela busca da felicidade, que não se alcança sem virtude e sabedoria. A Cidade de Deus espalha-se entre os povos e peregrina ao longo dos tempos até à sua consumação no fim dos tempos; a Cidade Virtuosa une-se em torno do líder perfeito, mas pode proliferar e multiplicar-se em torno de líderes excelentes. E tanto a Cidade de Deus como a Cidade Virtuosa são contrastadas com cidades opostas, respectivamente, a cidade do mundo e a cidade ignorante, ambas movidas pelos desejos e interesses particulares dos seus habitantes e, por isso, inevitavelmente propensas ao conflito e à divisão.

Com Platão, Agostinho, Alfarabi e outros que vieram depois, aprendemos a perpetuar o sonho de harmonia no seio da humanidade.

Como se este não bastasse, vejamos que outros motivos de interesse encontramos na obra de Alfarabi, *Os princípios das ideias dos habitantes da cidade virtuosa*.

### **Uma síntese sistemática**

A *Cidade Virtuosa* é também uma obra capaz de nos atrair por aquilo que nos falta numa época de acentuada departamentalização e especialização dos saberes, que pede cada vez maiores esforços no sentido de se estabelecerem pontes interdisciplinares. E nós lá nos vamos esforçando nesse sentido, procurando aprender uns com os outros, mas falta-nos uma visão integrada das coisas na sua diversidade e complexidade. Falta-nos a filosofia, na sua função generalista, isto é, na sua capacidade de criar uma visão panorâmica da realidade e do que dela podemos saber. Em suma, falta-nos a filosofia, na sua capacidade sistemática, mas não dogmática. Ora, é isso que nos atrai nos sistemas que podemos encontrar na filosofia antiga e medieval, nos quais já não podemos ingénuo e literalmente crer. É isso que encontramos na filosofia de Alfarabi e, em especial, nesta obra. Nas palavras de Catarina Belo:

Alfarabi, seguindo os passos de al-Kindi, cria uma síntese entre a filosofia grega e helenística e a religião e a teologia islâmicas. Essa síntese de Alfarabi torna-se o primeiro sistema filosófico da filosofia medieval árabe islâmica (“Introdução”, p.14)

Esse sistema é apresentado eminentemente em *Os princípios das ideias dos habitantes da cidade virtuosa*, uma obra que abrange os domínios da astronomia, da física, da metafísica, da biologia, da antropologia filosófica e da política. (*Ibid.*, p.19)

Numa visão sinóptica da obra, encontramos:

Uma metafísica que inclui: uma teologia do Primeiro e dos seus atributos (*ACV*, Cap.1); e uma cosmologia que alia o conceito neoplatónico de emanção com a astronomia de Ptolomeu (*ACV*, Caps.2-4; cf. C. Belo, “Introdução”, p.19).

Uma física de matriz aristotélica, baseada nos princípios de matéria e forma, e que abrange os corpos celestes e os terrestres, i.e., os corpos naturais e materiais do mundo sublunar (*ACV*, Caps.5-9), «sendo o ser humano a última coisa a surgir» (*ACV*, “Sumário” p.63).

Uma antropologia que inclui: uma biologia do corpo humano e da reprodução (*ACV*, Caps.11-12), com especial destaque para a defesa da soberania do coração sobre o cérebro, que «é como o mordomo numa casa, pois serve o dono da casa» (*ACV*, Cap.11, p.128); uma teoria das faculdades da alma (*ACV*, Caps.10, 13-14), com especial destaque para o intelecto e a imaginação, a qual atinge o seu nível mais perfeito na profecia (*ACV*, Cap.14, pp.150-151).

Uma filosofia social e política que inclui: uma teoria dos tipos de associação humana; uma teoria normativa da cidade virtuosa e do seu líder (*ACV*, Cap.15); uma teoria descritiva das cidades contrárias às cidades virtuosas e uma teoria do além sobre os destinos diferenciados das almas dos habitantes das várias cidades após a morte (*ACV*, Caps.16-19).

## Uma utopia?

Entre os estudiosos desta obra de Alfarabi, coloca-se a questão de saber se a cidade virtuosa é ou não uma utopia, como refere Catarina Belo, na sua “Introdução” (pp.38-39). Em nosso entender, aquilo que Alfarabi nos oferece na sua obra é uma teoria normativa da cidade virtuosa, centrada no modelo humano, ético-filosófico, do seu líder. Este modelo definido por 12 qualidades naturais (*ACV*, Cap.15, pp.161-164) é exigente, mas não é irrealizável, uma vez que Alfarabi modera o grau de exigência, reduzindo de 12 para 6 as qualidades indispensáveis ao líder de uma cidade virtuosa, não deixando de colocar à cabeça a exigência de sabedoria, entendida como filosofia (*ACV*, Cap.15, p.163). Neste sentido, a cidade virtuosa será realizável, não utópica.

Por sua vez, a definição e a análise das espécies da cidade ignorante dão-nos um diagnóstico lucidíssimo da realidade. Senão vejamos: quais são os objectivos dos habitantes da cidade ignorante? Diz Alfarabi: «Dos bens que são considerados objectivos da vida, apenas conhecem alguns daqueles que são exteriormente considerados bens, como a saúde do corpo, a riqueza, e ainda gozar os prazeres, seguir os desejos sem restrição, e ser respeitado e admirado.» (*ACV*, Cap.15, p.165). E conforme os habitantes da cidade ignorante cooperam na obtenção de cada um destes objectivos, a cidade ignorante distribui-se em múltiplas cidades específicas.

Antes de mais, a cidade da necessidade, i.e., aquela que visa à provisão das necessidades básicas de um povo; nas palavras de Alfarabi, «o objectivo de cujo povo é o equilíbrio necessário relativamente à subsistência do corpo no que diz respeito a comida, bebida, roupa, habitação, relações íntimas, e a cooperação para obterem estas coisas.» (*ACV*, Cap.15, p.165). Esta cidade não é virtuosa senão porque desconhece que a felicidade não se reduz à satisfação de necessidades básicas.

Mas há também a cidade vil, i.e., aquela que visa a riqueza como fim em si mesmo: «o objectivo dos habitantes é cooperarem para atingirem a riqueza e a opulência, não para aproveitarem a riqueza para outra coisa, porque a riqueza é o seu objectivo de vida.» (*Ibid.*).

Há ainda a cidade da perversidade e do erro, i.e., a cidade votada aos prazeres e ao jogo: «que é aquela em que os habitantes têm como objectivo desfrutar dos prazeres da comida, da bebida e das relações íntimas, e de um modo geral os prazeres dos sentidos, e mostram preferência pelo entretenimento e pelo jogo, de todos os modos e maneiras.» (*Ibid.*)

Há também a cidade da honra, i.e., a cidade que busca a vanglória: «aquela cujos habitantes têm como objectivo cooperar para se tornarem respeitados e admirados, recordados e famosos entre as nações, louvados e elogiados por palavras e por actos, de forma a obter importância e glória seja em relação a outros, seja em relação uns aos outros, cada qual de acordo com o grau de amor que tem a isso e o grau de possibilidade de o obter.» (*ACV*, Cap.15, pp.165-166).

Há ainda a cidade do domínio, i.e., aquela que se caracteriza pela luta e pelo apego ao poder: «o objectivo dos seus habitantes é vencer os outros e evitar serem vencidos pelos outros. A sua intenção é apenas o prazer que têm de dominar.» (*ACV*, Cap.15, p.166).

Há, por fim, a cidade «em que o objectivo dos habitantes é serem livres, cada um deles fazendo o que deseja e sem restringir os seus prazeres de maneira alguma.» (*Ibid.*). Esta cidade chama-se “cidade colectiva” ou “cidade democrática” na obra de Alfarabi, mas, de acordo com as nossas

categorias actuais, não se chamaria melhor “cidade liberal”, incluindo liberalismo económico e liberalidade de costumes?

Afinal, não existem todas estas cidades no nosso mundo contemporâneo? Afinal, seriam as sociedades do tempo de Alfarabi assim tão diferentes das nossas? Na verdade, aquilo que nos aparece com a força da evidência, quando nos confrontamos com magnas obras do passado, como esta, é que a humanidade evoluiu tecnologicamente, mas pouco mais.

***The last but not the least, a tradutora: Catarina Belo***

Tem já uma vida virtuosamente dedicada ao estudo, à escrita e à filosofia. Fez a sua formação inicial entre nós, i.e., a licenciatura em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1997), continuou os seus estudos na Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres, onde concluiu a licenciatura em Estudos Árabes e Islâmicos (2000), vindo depois a doutorar-se em Filosofia Islâmica na Faculdade de Estudos Orientais da Universidade de Oxford (2004). É actualmente professora associada de Filosofia na Universidade Americana do Cairo e continua ligada a nós como membro do Centro de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Entre as suas obras publicadas, destacam-se: *Chance and Determinism in Avicenna and Averroes* (Brill, 2007); *Existence, Cause, Essence. Essays in Islamic Philosophy and Theology* (CFUL, 2012); e *Averroes and Hegel on Philosophy and Religion* (Ashgate, 2013).

Na presente edição da Fundação Calouste Gulbenkian, é autora do estudo introdutório, estruturado através dos seguintes pontos.

“1. Vida e obras de Alfarabi”, “o segundo mestre”: «Tal era a importância de Alfarabi, que era considerado pelos seus admiradores do período medieval o ‘segundo mestre’, após Aristóteles, que era considerado o primeiro mestre em filosofia.» (p.17).

“2. O impacto da filosofia de Alfarabi na filosofia medieval islâmica, cristã e judaica”, a saber: em Avicena (m.1037) e na sua teoria sobre o intelecto; em Averróis e na sua concepção da compatibilidade entre filosofia e religião em contexto islâmico; em Maimónides (m.1204), «o mais influente filósofo judeu da Idade Média» (C. Belo, “Introdução” *ACV*, p.23), nomeadamente, na sua teoria do intelecto e filosofia política; e também em al-Ghazzali (m.1111), o não menos influente teólogo islâmico, que criticou a filosofia por inconformidade com o Alcorão, sobretudo, a filosofia de Avicena.

“3. Leituras contemporâneas de Alfarabi”, como as de Richard Walzer e Ulrich Rudolph, realçando a predominância de elementos,

respectivamente, gregos e islâmicos nas obras de Alfarabi, em qualquer dos casos dando testemunho do estudo do pensador islâmico do séc. X nos meios académicos hodiernos.

“4. Temas principais de *A Cidade Virtuosa*”, a saber: a diferença entre filosofia e religião enquanto modos de aceder à realidade, sendo a primeira, o modo mais directo e a segunda um modo indirecto, por via de imagens e metáforas, permitindo compreender positivamente o pluralismo religioso; o sentido de cidade virtuosa como cidade excelente; a teologia do Primeiro e dos seus atributos; a constituição da ordem cósmica mediante o processo de emanação a partir do Primeiro; o ser humano e as suas faculdades, destacando a centralidade do coração, o papel da imaginação no conhecimento e na profecia, a teoria do intelecto, que deixa um espaço assinalável à vontade, pois «em todas as actividades, teóricas ou práticas, das várias faculdades, a vontade e a inclinação têm um papel determinante, num modelo voluntarista bastante acentuado» (C. Belo, “Introdução”, p.47); por fim a comunidade política, considerando os vários tipos de associação humana e culminando com o modelo do líder da cidade virtuosa.

Ainda uma “Nota sobre a presente tradução”, na qual a tradutora não só indica o texto que serviu de fonte à tradução, o texto da edição crítica de Richard Walzer, de 1985, como explicita os princípios que nortearam o seu trabalho de tradução – a fidelidade ao texto e o princípio da equivalência – cuja combinação harmoniosa deu origem ao texto simultaneamente rigoroso e amigável que nos oferece na presente edição.

Nesta edição cuidada da Fundação Calouste Gulbenkian – que inclui ainda instrumentos de leitura e estudo, como o Glossário, a Bibliografia, e Índice Remissivo, para além do Índice geral – Catarina Belo põe as suas qualidades de inteligência, seriedade e competência, que costumam nortear o seu trabalho, ao serviço da divulgação de mais uma obra da grande tradição do pensamento filosófico, tornando-a passível de leitura fluente e aprazível na nossa língua materna, assim contribuindo para o enriquecimento da própria língua, na medida em que uma língua também se tece e enriquece na medida em que é capaz de dizer as grandes obras que fazem parte do património espiritual da humanidade.

*Maria Leonor Xavier*